

O OLHAR ENCANTADO PARA OS ESTUDANTES NEGROS NO ESPAÇO ESCOLAR

THE ENCHANTED LOOK AT BLACK STUDENTS IN THE SCHOOL SPACE

LA MIRADA ENCANTADA DE LOS ALUMNOS NEGROS EN EL ESPACIO ESCOLAR

Samuel Morais Silva¹

Universidade Federal do Ceará - UFC

Resumo

Este artigo é resultado de experiências pedagógicas na ambiência escolar, chão reflexivo onde atuo há mais de onze anos lecionando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este tem como proposta desenvolver a crítica e lançar uma reflexão sobre o olhar racializado para os estudantes negros no espaço escolar. A ação aqui é invocar o professorado a encarnar o conceito do olhar encantado no exercício docente, para propor a emancipação dos alunos negros que historicamente são os estudantes mais renegados nas instituições de ensino. Parto do desejo de humanização e dignidade desses corpos desumanizados e seus efeitos na vida desses estudantes. A metodologia está amparada na Pretagogia, tendo como suporte princípios filosóficos condutores do olhar encantado, e que surge como caminho enquanto possibilidade de reinvenção desses seres violentados pelos olhares racistas, paridos dos assombros coloniais.

Palavras-chave: Olhar Encantado; Estudantes negros; Pretagogia.

Abstract

This article is the result of pedagogical experiences in the school environment, a reflective ground in which I have worked for over eleven years teaching in the early years of Elementary School. Its purpose is to develop criticism and launch a reflection on the racialized view of black students in the school space. The action here is to call on teachers to embody the concept of enchanted gaze in teaching, to propose the emancipation of black students who have historically been the most rejected students in educational institutions. I start from the desire for humanization and dignity of these dehumanized bodies and their effects on the lives of these students. The methodology is supported by Pretagogy, supported by philosophical principles that guide the enchanted look, which appears as a path as a possibility of reinvention of these beings violated by racist looks born of colonial haunts.

Keywords: Look enchanted; Black students; Pretagogy.

Resumen

¹ Escritor e professor da Educação Básica pela Secretaria Municipal de Educação em Crato - CE. Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pedagogo e Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Regional do Cariri - URCA. E-mail: samuelpojetocariri@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4337281331060898> / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1338-8705>.

Este artículo es el resultado de experiencias pedagógicas en el medio escolar, terreno de reflexión donde he trabajado durante más de once años enseñando en los primeros años de la escuela primaria. Su propósito es desarrollar la crítica y lanzar una reflexión sobre la visión racializada de los alumnos negros en el entorno escolar. La acción aquí es invocar a los profesores para que encarnen el concepto de mirada encantada en su práctica docente, con el fin de proponer la emancipación de los alumnos negros, que históricamente han sido los alumnos más repudiados en las instituciones educativas. Parto del deseo de humanizar y dignificar estos cuerpos deshumanizados y sus efectos en la vida de estos alumnos. La metodología se basa en la Pretagogía, apoyada en principios filosóficos que conducen a la mirada encantada, que emerge como camino como posibilidad para la reinención de estos seres violentados por miradas racistas, nacidas de los acechos coloniales.

Palabras clave: Mirada encantada; Estudiantes negros; Pretagogía.

INTRODUÇÃO

Qual é o lugar dos estudantes negros na escola? São os alunos visíveis ou ocultos de qualquer participação pedagógica em sala de aula? De qualquer estímulo afetivo? De qualquer protagonismo nas manifestações artísticas e culturais? Quantos silêncios compõem os discentes afrodescendentes e afrodiaspóricos? São educandos tímidos ou silenciados na ambiência escolar?

O presente texto é fruto dessas e outras indagações feitas por mim, um professor antirracista da rede municipal de ensino, homem negro e pesquisador das relações étnico-raciais no doutorado em educação na FAGED/UFC. Essas indagações invadem o meu corpo e pretendem incorporar no espaço escolar, na perspectiva de baixar em outros corpos e avivar outros seres docentes.

Creio que a gênese da escrita desse texto está no acúmulo de todas as falas e, principalmente, olhares racistas para os estudantes negros, aqueles que assim como eu, carregam um fardo histórico através do olhar racializado na ambiência escolar. Olhar este, infelizmente, pouco tematizado e, muito menos questionado. Visto, que ele aponta para um problema ainda muito presente nas escolas, que é a ausência de um trabalho sistematizado e institucionalizado, que aborde a questão racial no cotidiano escolar, em todas as áreas do conhecimento, interferindo de forma curricular e pedagógica, para que a escola reflita, problematize e supere pensamentos, olhares racistas e práticas discriminatórias de cunho racial em todas as suas dimensões (Trindade; Santos; Pinho, 2022).

Neste ensaio, optei por refletir acerca das questões relacionadas à violência perpetrada contra os alunos negros, porque percebi desde quando assumi o quadro docente de professoras(es) efetivos da rede municipal do Crato, cidade onde resido, leciono e desenvolvo a minha pesquisa de doutorado, que a reprodução de discursos de representações negativas sobre os meninos e jovens negros, se repetem, definindo-os a



rótulos e estigmas. Ao longo do meu percurso docente, observei cautelosamente as relações raciais no dia a dia na escola, onde aprendi, constatei e, sobretudo, senti que os alunos negros carecem de um olhar pedagógico especial, um olhar que não transforme as vítimas em culpados (Cavalleiro, 2003).

Nesse direcionamento de olhar comprometido com as vidas negras, a nossa ancestral, Azoilda, Loretto e Trindade (2000), alerta-nos para o ciclo vicioso que respalda preconceitos e racismo que cercam o chão reflexivo da escola em relação às crianças pobres e negras, denunciando que:

A gente olha e não vê, a gente vê, mas não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, a gente não educa no espaço/tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades. A gente educa [...] para uma morte em vida: a invisibilidade (Trindade, 2000, p. 9).

A meu ver, se nós, educadoras e educadores, não rompemos com essa invisibilidade, estamos compactuando com os diversos tipos de violências e educando para a morte das infinitas possibilidades. É nessa perspectiva que se torna necessário o olhar encantado, um olhar contemplador da negritude, que aparece aqui, parafraseando o professor Kabengele Munanga (2012), como uma operação pedagógica de desintoxicação do olhar racista e de constituição de um lugar de inteligibilidade docente da relação consigo, com os alunos negros e com o mundo racista, na tentativa de combater os preconceitos raciais e ações discriminatórias.

Penso o olhar encantado como um fenômeno pedagógico transcendental, de modo que nós, educadoras e educadores, podemos transformar o mundo interno do aluno negro no ato de olhar, valorizando sua negritude e preservando sua vida para que ele possa encontrar forças de superação em função de uma luta comum – a transformação da realidade do racismo (Jesus, 2013).

É a partir desse olhar que miro esse texto, para que ele invoque docentes à força pedagógica reconstrutora da autoimagem, autoestima e autoconfiança da negrada estudantil que o olhar embranquecido da escola e do mundo ocidental ainda renega. A fim de que estes alunos possam encontrar motivos para frequentar a escola e ressignifiquem os vazios deixados no corpo racializado que cresce tomando tapas na alma (Machado, 2013).

METODOLOGIA



A metodologia da pesquisa se inspira na intimidade com a cultura africana, com a qual nos colocamos dentro da pesquisa, pois o pesquisador não vai aprender sobre uma cultura ou modo de vida que não tenha uma relação consigo mesmo, na verdade, o pesquisador busca trabalhar dentro da sua própria cultura e com os problemas que afetam sua própria existência (Cunha Jr., 2006).

Nesse sentido, a metodologia aqui apresentada dialoga com a Pretagogia. Uma potência de experimentações educativas, de exercícios filosóficos e pretagógicos inventivos, criativos e artísticos. No que se refere à sua constituição, ela se constituía enquanto referencial teórico-metodológico, mas hoje ultrapassa tal conceituação e se configura como um referencial -teórico-metodológico-filosófico a partir da cosmopercepção² africana.

Esse referencial, que foi criado por uma comunidade inteira de aprendentes de griot³, no sentido dado pela didática afrocentrada⁴, é assim apresentada por uma de suas criadoras (Meijer, 2019, p. 602):

Trata-se de um jovem referencial teórico-metodológico-filosófico. Ele vem acontecendo há algum tempo e envolve um coletivo de pessoas, pesquisas, atividades e eventos, tendo como orientadora e coordenadora a professora doutora Sandra Petit da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Seus fundamentos surgem a partir do trabalho de professoras(es), ativistas do movimento negro e intelectuais ligados direta ou indiretamente ao Núcleo de Estudo das Africanidades Cearenses (NACE), um Núcleo de Estudo Afro-brasileiro, ligado à Faculdade de Educação da UFC.

Parida desse entrelaçar de raízes teóricas-metodológicas-filosóficas de muitas(os) colaboradoras e colaboradores, foi pela ocasião do I Curso de Especialização em História e Cultura Africana e das(os) Afrodescendentes, voltado à formação de Professoras e Professores de Quilombos no Ceará, um curso de especialização realizado pelo NACE, que essas mestras e esses mestres griots reúnem suas experiências, ou suas filosofias-raízes-saberes (Meijer, 2019) e adensam a travessia, empretecendo ainda mais o pensamento científico, ao se referir à Pretagogia como uma forte episteme que cria muitos

² Modos de perceber, sentir e fazer de corpo inteiro. Desse modo, tal currículo é delineado por nossas percepções e vivências oriundas de nossa ancestralidade africana, de seus valores e encantos que perpassam nosso cotidiano (Machado; Petit, 2020).

³ Os griots são contadores de história, mensageiros oficiais, cantores, poetas, musicistas, guardiões de tradições milenares. São muito importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos.

⁴ A didática concebida pela influência direta da Pretagogia é a teoria do ensino capaz de formar para a docência a partir de princípios afrocentrados e tem como exemplo a conduta do griot (Meijer, 2019, p.605-606).



pontos de conexão no caminho contra hegemônico de alargar as pesquisas pretas em educação (Ferreira, 2019).

Eis o nascimento da Pretagogia! Ela parte do pressuposto que, para tratar das particularidades culturais das e dos afrodescendentes, torna-se necessário buscar as bases conceituais filosóficas, essencialmente na Mãe África (Petit; Silva, 2011). Assim, tem como objetivo trazer uma abordagem afrorreferenciada para a formação de professoras(es):

[...] porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes e afrodiaspóricas devem ser tratadas como bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmo, ou seja, uma cosmopercepção africana (Petit, 2015, p. 120).

Busca-se, nas epistemologias e metodologias pretagógicas, fomentar mudanças de postura e propiciar apropriação, que vão desde a descoberta do pertencimento afro, passando pela reflexão acerca de práticas racistas que nos afetam, o reconhecimento das contribuições das(os) negras(os) na nossa cultura e, sobretudo, a compreensão e valorização da riqueza, diversidade e complexidade dos sistemas culturais africanos, afro-brasileiros e afrodiaspóricos em geral (Petit, 2015).

Ela vem-se constituindo em abordagem afrorreferenciada para a formação de professoras(es) e suas raízes estão fincadas no solo da cosmopercepção africana e a partir dessa percepção de mundo, a Pretagogia apresenta os seguintes princípios (Meijer, 2019):

O *autorreconhecer-se afrodescendente*, assumindo uma postura autoafirmativa e lembrando sempre a importância da raiz africana para nossa constituição como pessoa. *Apropriação da ancestralidade*, pois fazemos parte da linhagem que envolvem os antepassados, [...]. *A religiosidade de matriz africana*, como base e entrelaçamento de todos os saberes e de todas as dimensões do conhecimento [...]. *O reconhecimento da sacralidade* como dimensão que perpassa todos os saberes das culturas de matriz africana [...]. *O corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes*, altar espiritual que faz parte do território natureza, e, como tal elemento de sacralidade. *Tradição oral* valorizando o conhecimento que é repassado de modo transversal por meio da oralidade, da vivência e da experiência [...]. *Princípio de circularidade* na relação entre seres, os tempos e as coisas [...]. *Entendimento de noção de território* como espaço de tempo socialmente construído e perpassado através da história de várias gerações. E [...] a *compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro*, marcado pelo racismo estrutural, o que nos exige posturas de desconstrução do estigma forjado secularmente a população afrodescendente (Petit, 2015, p. 122-123, *grifo nosso*).



E ainda temos os conceitos operatórios que são processos iniciáticos expansivos da Pretagogia na busca de novas conexões ou exploração de terrenos ainda não visitados, que nos ajudam a ler e interpretar de modo interventivo a nossa própria realidade étnica e racial e, assim, encontrar lugar na sociedade, na história, na universidade, na escola e em nós mesmos (Santos, 2023), a partir dos seguintes conceitos: *Pertencimento; Espiritualidade e Transversalidade*.

Vou me construindo como homem, educador e pesquisador negro a partir dessa abordagem que prioriza a experiência de si e do outro no mundo por meio do autorreconhecimento e dos valores das culturas africanas, articulando-os à transposição didática (Petit, 2015) no chão reflexivo da escola. Tenho me refeito desde o primeiro contato com a Pretagogia, que possibilitou me reconhecer como um homem afrodiaspórico e potencializar minha existência negra no mundo.

Assim, minha imersão na ambiência escolar, a partir desse estudo, mira no olhar racializado, tendo por base o princípio pretagógico, o lugar social historicamente atribuído ao negro, marcado pelo racismo estrutural, e que exige de mim e de todos os educadores posturas de desconstrução do estigma que secularmente forjou a população afrodescendente e afrodiaspórica.

Além do princípio citado, outro princípio pretagógico ampara a metodologia apresentada, o do autorreconhecer-se afrodescendente ou afrodiaspórico, em que busco, a partir do olhar encantado, sobre o qual falarei adiante, fomentar mudanças de postura e propiciar apropriação, que vão desde a descoberta do pertencimento afro, passando pela reflexão acerca de práticas racistas que nos afetam, o reconhecimento das contribuições das(os) negras(os) na nossa cultura e, sobretudo, a compreensão e valorização da riqueza, diversidade e complexidade dos sistemas culturais africanos, afro-brasileiros e afrodiaspóricos em geral (Petit, 2015).

O trabalho que realizo na escola sob suporte da Pretagogia, intenta, a partir de questionamentos filosóficos inspirados em dois princípios pretagógicos, possibilitar que o corpo docente saia do lugar de olhar racializado, para o lugar de olhar encantado.

Assim, todo estudo tem sua abordagem metodológica na Pretagogia. Neste sentido, pensar o presente estudo sobre a abordagem de pesquisa pelas lentes de pedagogias negras, sendo aqui entendida como a Pretagogia, é compreender que existem outras matrizes de fazer ciências e pesquisas.

Portanto, no intuito que o olhar encantado crie forma na prática educativa de outros(as) educadores(as), apresento a seguir este olhar, que está sendo amparado nos



princípios pretagógicos citados, visando inspirar professores(as) interessados(as) em proporcionar práticas educacionais encantadas e humanizadas aos estudantes negros.

CAMINHOS PERCORRIDOS NO CHÃO REFLEXIVO DA ESCOLA

O fato de caminhar pelo chão reflexivo da escola observando as relações raciais há mais de onze anos, assim como conversar com colegas, alunos e familiares do alunado, me possibilitou adentrar no universo racial vivido pelos estudantes e perceber que os alunos brancos recebem das(os) professoras(es) muito mais elogios e incentivos, enquanto os alunos negros são os mais punidos e estereotipados. Como aponta Eliane Cavalleiro (2003), pode-se afirmar que os alunos brancos são mais privilegiados na relação professor/aluno, pois conseguem, com mais frequência, identificar-se positivamente. Nesse sentido, Dante Moreira Leite (1986), analisando a relação aluno/professor diz que:

Poucos alunos conseguem ser percebidos, ou poucos conseguem identificar-se através do professor: deste não recebem, de volta, a própria imagem, a fim de que possam saber quem e como são. Esse problema não seria, talvez, tão pernicioso se os professores conseguissem manter uma atitude de neutralidade diante dos alunos, sem manifestar preferências ou antipatias. [...] Quase todos deixam arrastar preferências ou antipatias – e essa relação afetiva, geralmente inconsciente, marca seus alunos (Leite, 1986, p. 242).

A esse respeito, o escritor Caio César (2019) traz outras reflexões que nos ajudam a compreender está negativa de afeto à criança negra na escola e as marcas deixadas na sua alma:

Como eu era um aluno mediano na escola e não recebia nenhum tipo de incentivo ou elogio dos meus professores, não me sentia inteligente nem vislumbrava altas expectativas sobre o meu futuro educacional e profissional, inclusive muitos professores meus daquela época se espantariam caso me lessem hoje nas páginas desse livro. O padrão de inteligência também é branco. A imagem que se tem do nerd na escola, do mais inteligente da classe e que tira as melhores notas, é de uma pessoa branca. Aos alunos negros, principalmente os meninos, impõe-se a imagem de bagunceiros, problemáticos e que dão trabalho para a escola (César, 2019, p. 66).

Nesse sentido, a maioria dessas crianças, principalmente os meninos, são desacreditados de qualquer estímulo afetivo que os despertem a autopercepção intelectual. A curiosidade, que pode ser considerada um sinal da genialidade em uma criança branca, é vista como um problema ou dificuldade quando expressada por meninos negros. Assim, a experiência escolar para os estudantes negros passa a ser uma experiência negativa e



prejudicial, o que dificulta a aquisição de um pertencimento étnico-racial positivo, ao mesmo tempo que lhes confere o lugar daquele que não é bem-vindo e aceito na escola (Cavalleiro, 2003).

Precisamos ter a sensibilidade pedagógica e muita coragem docente para reconhecer que, em muitos casos, as escolhas afetivas na ambiência escolar não estão ligadas somente a gostos pessoais, mas a certa rejeição à cultura negra, ao estudante negro e tudo que ele supostamente representa numa sociedade racista (César, 2019).

Ariana Tena, psicóloga e mestra em educação na área da psicologia preta, escreveu em 2022, na sua rede social Instagram, que estudos feitos no Brasil sobre o tratamento dado à criança negra na escola retratam um cenário abissal de desigualdade de ensino a partir de marcadores de raça. Eles demonstram que meninas(os) negras(os) são as(os) mais afetadas(os) no Brasil, são as crianças que mais apresentam psicopatologias relacionadas a respostas como angústia, raiva, melancolia e baixa estima no ambiente escolar, além de criarem barreira educacional.

E isso não é por acaso. No Brasil, a educação escolar comeu na gamela da colonização (Rufino, 2021), sendo investida para beneficiar a supremacia branca e nós, negras e negros, fomos ensinados que o “pensar” não é um trabalho valioso, que o pensar não nos ajudará a sobreviver, como se essa capacidade não fosse consoante à intelectualidade negra.

Nas rodas de leitura, no protagonismo das apresentações comemorativas e manifestações culturais, os estudantes brancos são os preferidos. Nos trabalhos semestrais e avaliações bimestrais, há comparações de notas dentro das expectativas da branquitude, construindo barreiras de alunos negros no incentivo à leitura, assim como na elaboração e exposição das suas escritas textuais.

Muitas crianças negras não são limitadas por si mesmas, mas por um inconsciente contaminado pelo racismo que ensinou que o poder da escrita, da leitura, das aprovações, não é delas(es). “[...] Um olhar mais atento sobre a realidade escolar nos mostrará que a nossa escola ainda prima por um modelo branco [...]” (Gomes, 2001, p. 87).

Infelizmente, as violências e desigualdades raciais ainda são naturalizadas na escola, os silêncios não são questionados, as ausências e abandonos não são interrogados. Assim, a naturalização destas violências produz no aluno negro insegurança e a sensação de incapacidade de poder escrever “bem”, ler fluentemente, enfrentar concursos e processos seletivos.



Tragicamente muitos desses alunos não têm resistido a esta socialização porque são pedagogicamente injustiçados e lhes é negado o direito à aprendizagem. O corpo negro tem muitos traumas e a conta está no corpo que apresenta psicopatologias lesivas, nesse contínuo de terror acumulam-se: o medo, a tensão muscular, o aniquilamento do ser via depressão, o desvio existencial (Rufino, 2019) e um corpo traumatizado em virtude das feridas racistas que não foram cicatrizadas. Esse pacote terrorista transforma os alunos em seres adoecidos.

Há um número preocupante de alunos negros na escola vivendo processos de auto-ódio, odiando seus traços negroides, pessoas com o mesmo tom de pele, sua história pessoal e a história do povo ao qual pertence. Acerca deste sentimento perverso, bem lembra o professor Caio César:

O auto-ódio é um dos aspectos do racismo que nos faz odiar não somente a nós mesmos, mas aqueles que se parecem conosco. Quando se cresce sendo bombardeado por padrões de beleza hostis ao nosso corpo por todos os lados, por todas as mídias possíveis, passa a ser extremamente difícil olhar no espelho e gostar do que está se vendo (César, 2019, p. 61).

Desse modo o racismo se constitui como um sucesso na escola porque consegue matar os alunos negros afetivamente e simbolicamente, para além ou aquém das estatísticas de homicídios de pessoas negras no Brasil. Ele mata por todos os lados e de múltiplas formas quando a escola não fortalece a autoestima, a autoconfiança e potencializa o pertencimento étnico-racial do alunado (Veiga, 2019).

Estudar em um ambiente escolar onde os alunos negros só percebem suas miserabilidades e não são cercados de acolhimento, como uma vez me relatou um aluno negro numa aula sobre bairros afrodescendentes, mostra a fragilidade do sistema de ensino brasileiro:

Nas escolas, quando somos levados a pensar, só percebemos nossas miserabilidades, a maioria de nós é cercado no ambiente que deveria nos acolher: a escola. Ainda bem que tem muitos jovens negros oriundos de periferias de todo país, que tem o rap. O hip hop, no meu caso, foi essa fonte de saberes, inspiração e válvula de escape. Entretanto, ele me livrou das grades e algemas. Sinto que me preparou para habitar neste lugar, e não ser engolido por esse monstro chamado sistema prisional brasileiro. Sua aula, professor, também me fez lembrar da música do Racionais Mc's – Tô ouvindo alguém me chamar: "inteligência e personalidade, mofando atrás da porra de uma grade..." (aluno).

O comentário desse aluno bateu forte em mim! Mas me fez perceber o quanto fui também educado pelo rap, reggae e ter a impressão de que, mesmo inconscientemente, as letras desses gêneros musicais me ajudaram a sobreviver em ambientes hostis. Estudar



numa escola onde a intelectualidade negra é posta à prova, a verdade é duvidada, é extremamente doloroso.

Crescer numa sociedade em que a inteligência e a beleza estão no outro e as marcas que te constituem física e historicamente são preteridas, tem um efeito subjetivo dilacerante sobre a constituição do senso de valor próprio e da autoconfiança e autoestima (Veiga, 2019).

É esta visão ordinária sobre nós, negros, que gera no professorado brasileiro o discurso racista que gera rótulos: “esses meninos não vão dar pra nada mesmo!” Ouvi isso na escola que leciono inúmeras vezes, de várias colegas, até que precisei repreender com veemência. Nesse sentido, a partir desses indicadores e reflexões, recomendo a escola criar um ambiente educativo, acolhedor e de socialização para esses alunos a partir do *olhar encantado*. Um olhar parido nos olhares e falas racistas, nos vazios, silêncios, ausências, desistências e abandonos escolar.

O OLHAR ENCANTADO

Tudo que o aluno negro quer é ser enxergado na escola, ter seu pertencimento étnico-racial notado. Entretanto, para se definir, é necessário o olhar pedagógico sobre ele. É o olhar docente que possibilita o encontro dele com ele mesmo e comigo também, se sou um educador ou um educadora comprometido(a) e responsável com a vida humana (Mackellene, 2012).

Mas eles só existem na medida em que os percebemos. E quando os percebemos nos movimentamos na perspectiva de descobrir quem são, assim, os recriamos, porque aquele que olha e como olha recria o ser olhado.

O olhar revela muito, ele é o ponto de comunicação atento na relação que se estabelece com o outro, o olhar acolhe ou não. Certamente, nós, homens negros, já vivenciamos, em algum momento da vida, olhares que se ergueram do assombro e carrego colonial (Rufino, 2019) sobre o nosso corpo: olhar de reprovação, medo, insegurança, repulsa, raiva, entre outros sentimentos que se tornam marcas que ficam gravadas como tatuagem na alma e nem sempre percebemos os efeitos delas na vida dos alunos.

Entendendo e decifrando esses códigos racistas lançados no olhar, gostaria de dizer a todos homens negros que já passaram por essa experiência danosa, em especial a negrada estudantil, que a gente precisa desestabilizar o racista que olha para nós carregado do assombro colonial com os seguintes questionamentos: por que você está me olhando? Está me reconhecendo? Controlando bem as nossas emoções, de forma educada



e respeitosa, precisamos questionar o olhar racista arrebatado sobre o nosso corpo.

Nesse sentido atendo-me à defesa de que nós educadoras e educadores precisamos reparar o tom de pele dos alunos que se sentam no “fundão” da sala de aula, dos que mais são levados à diretoria, dos mais etiquetados como alunos baderneiros, violentos, problemáticos, dos que mais sentem dificuldade de aprendizagem, dos mais faltosos, dos que mais ficam em recuperação no final do ano letivo ou são reprovados.

Cabe ressaltar também que nomear o educando é muito importante, potencializar seu nome e sobrenome na sala de aula é um exercício para não perdermos os atributos que os distinguem, para provocar empatia a ele (Ramos, 2017). Parafraseando as negas do ziriguidum⁵, um quilombo digital, durante o período colonial, milhões de africanos(as) foram escravizados(as) e transportados(as) para diferentes partes do mundo, especialmente para as Américas. Como forma de desumanizar ainda mais os(as) escravizados(as) e negar seu pertencimento e ancestralidade, muitos(as) foram forçados(as) a abandonar seus nomes africanos e adotar os sobrenomes de seus senhores ou donos.

Esse processo de perda de nomes e adoção de sobrenomes estrangeiros foi uma maneira de despojar os(as) africanos(as) de sua história e herança ancestral. Por isso um simples sobrenome – como caboclo – pode revelar a dimensão humana de alguém, gerando empatia e, conseqüente, valorização e reconhecimento do pertencimento étnico-racial.

Ser Francisco Henrique Caboclo, e não “caboclinho”, usado no sentido pejorativo da palavra, para estigmatizar o outro, como presenciei uma vez em sala de aula no momento da frequência escolar. Um trágico acontecimento, que levou o citado aluno a quase desistir do ano letivo, reeduca o olhar, prova empatia e o reconhecimento do sobrenome e valorização do pertencimento indígena.

São formas ditas amigáveis, mas discriminatórias. Retira do educando a igualdade do direito ao nome próprio, do seu pertencimento ancestral e substitui por designação resultante das formas de se dirigirem a negros e negras na sociedade escravista e depois, racista. O professor Cunha Jr., da Faculdade de Educação (FACED/UFC), diz que faz parte da língua que foi resultado de uma dominação escravista criminosa e que deve ser afastada (Cunha Jr., 2013).

São partes de uma prática, de um hábito racista, apelidar e adjetivar como negro e

⁵ https://www.instagram.com/asnegasdoziriguidumoficial/p/CuDuqujOtnE/?img_index=1. Acesso em: 23 set. 2024.



negra tudo o que tem asco, o que é indesejado, o que produz mal para a sociedade e os indivíduos (Cunha Jr., 2013). Na escola presenciei ofensas racistas das quais alguns colegas de trabalho desavisados e desinformados reproduziam, riam e ainda naturalizavam essas formas de compor uma representação social racista.

Por diversas vezes ouvi no chão reflexivo da escola em grupos de educadores expressões grotescas como: “o negrinho parece o cão chupando manga”, “além de negro, ainda pintou o cabelo de louro”, “ela deveria ao menos amarrar aquela carapuça para ficar menos feia.

Desse contexto emergiu no meu ser e fazer docente o *olhar encantado*. A voz do filósofo Eduardo Oliveira me embalou: “O olhar encantado constrói um mundo encantado [...]” (Oliveira, 2007, p. 259). Assim, se constrói um mundo encantado, é capaz de construir o encantamento na escola e produzir seres encantados, por isso é uma visão responsável e atuante integralmente na escola, na defesa da dignidade existencial dos seres afetados pelo racismo produzido sistematicamente pela dominação colonial.

O *olhar encantado* aguça a sensibilidade para perceber as coisas. Sensibilizado, o Outro, no caso desse estudo o estudante negro, deixa de ser apenas um corpo objetificado, estigmatizado, estereotipado e me interpela para uma ação de justiça cognitiva e me convida a uma conduta docente ética. Sensibilizado posso fazer pedagogicamente da vida negra uma obra de arte, uma construção estética, edifico uma moral (Oliveira, 2007).

Com a sua lucidez e tudo aquilo que é humano, o *olhar encantado* é o estado íntimo de conexão com o corpo negro, ele versa-se como atravessamento empático para dentro de cada ser e se estabelece na medida em que nós, educadores e educadoras, vamos criando uma estrutura pedagógica que leve os educandos negros a irem adiante. “[...] Onde o que parecia escravizar, liberta. O que parecia prender, liberta. O que parecia comprimir, expande” (Oliveira, 2007, p. 259).

Ao *olhar encantado* para os corpos negros na escola, mesmo que seja o primeiro encontro – talvez mais forte ainda, demonstramos que estamos com eles por uma razão muito simples, nós os amamos e reconhecemos o encantamento como função da ancestralidade (Oliveira, 2007). Reconhecendo, conseguimos acessar tudo que os nossos antepassados foram, são e significam. E conseguindo, conseguimos acessar tudo aquilo que os estudantes negros são enquanto continuidade dos nossos ancestrais, essa é a verdade.

Quando o olhar de cunho encantado é o eixo central da nossa forma de ver os alunos, passamos a enxergar os discentes como eles são e não como as forças opressoras



desejam que os vejamos. Muitos(as) professores(as) não podem sofrer a dor física e simbólica que muitos alunos negros sofrem em virtude do racismo, mas podem demonstrar, com gestos acolhedores, que estão do lado deles sempre. Subterfúgios pequenos que usamos por intermédio do *olhar encantado* na tentativa de reverter traumas raciais e apagar manchas coloniais, encantos que confrontam a chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas (Simas; Rufino, 2020).

Assim, o que considero como *olhar encantado* é capaz de detectar cada melanina que compõem os alunos negros, tudo que eles são e representam para nós educadores(as), ele permite aos docentes acessarem tudo o que de fato os alunos negros são feitos. Isso dá aos educandos a certeza de que eles são lembrados, relevantes, que nós os enxergamos e acreditamos que eles podem ser mais! É um olhar potencializador do outro.

Quando esse olhar pedagógico se legitima na ambiência escolar, pela aceitação, acolhimento, respeito, segurança, cuidado, responsabilidade, pela força docente reconstrutora, reconhecendo a importância da vida negra, temos uma representação social do aluno que se pretende universal, para todos outros e para todos os tempos, que se imprime sobre o ser representado com a força de um corpo humanizado e potente (Mackellene, 2012). A partir desses indicadores e reflexões, recomendo a escola criar um ambiente educativo acolhedor e de socialização para os alunos negros. O Filósofo Eduardo Oliveira nos sopra: “Educar o olhar é Educação!” (Oliveira, 2007, p. 261).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A inclusão do conceito de olhar encantado lançado na ambiência escolar, a partir de um planejamento pedagógico, em que me dispus apresentar ao corpo docente da escola que leciono, rendeu alguns resultados que considero extremamente relevantes apresentar. Na avaliação diagnóstica sobre o citado conceito, tendo como aporte os princípios filosóficos da Pretagogia, a compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro e do autorreconhecer-se afrodescendente ou afrodiaspórico, algumas discussões se destacam.

Como por exemplo nas vozes de uma professora de geografia: “*uma vez eu estava nas lojas americanas e assim que vi um garoto mais ou menos da sua cor, escondi a minha bolsa*” (docente, planejamento pedagógico, 2022). Uma educadora de história: “*a discussão sobre a temática me remeteu a uma lembrança muito racista, quando eu vinha de Juazeiro do Norte e o ônibus fez uma das paradas, entrou um jovem bem pretinho e eu coloquei*



minha bolsa na cadeira que estava vaga para ele não sentar” (professora, planejamento pedagógico, 2022). Em um terceiro depoimento, a voz de um professor de ensino religioso: “fomos educados para olhar de modo muito racista para o corpo negro. Ao longo da nossa jornada pedagógica tenho quase certeza que a grande maioria de nós rebaixamos e renegamos esses corpos principalmente através do olhar e depois pela ação, porque nos ensinaram que eles são sempre suspeitos” (educador, planejamento pedagógico, 2022).

Em quase todos os depoimentos da avaliação diagnóstica se constata que o lugar social, historicamente atribuído ao negro através do olhar, é o mesmo da sociedade brasileira. Ou seja, o olhar racializado. É importante acrescentar que durante as falas do professorado não se percebe, em geral, que este mesmo olhar reverbera nas práticas pedagógicas, quando não é refletido e banido da ambiência escolar.

Inclusive merece destaque a desvalorização por parte do corpo docente, do princípio autorreconhecer-se afrodescendente ou afrodiaspórico através do olhar encantado. A ideia de olhar encantado para o estudante negro, amparado no citado princípio, é um senso de pertencimento e conexão que pode ser vivida de muitas formas simultaneamente.

Ao se conectar com a nossa história e a nossa comunidade, por exemplo, podemos nos permitir refazer ou recriar modos de vida que nos proporcionem a cura da ferida colonial e a possibilidade dos estudantes negros se reconhecerem como um poderoso legado ancestral, herdeiros de uma história que não se reduz a olhares racistas paridos dos assombros coloniais.

Tendo as sanfonas como instrumento metodológico de análise dos dados, escolhi fazer uso delas uma vez que é um dispositivo pretagógico avaliativo usado nas intervenções, nas quais perguntamos o que as pessoas acharam da ação interventiva e o que aprenderam naquele encontro, deixando-as livres para responderem sem necessidade de identificação (Petit, 2015).

Nesse sentido, os depoimentos que aparecem aqui, não foram analisados com base em entrevistas estruturadas ou semiestruturadas, foram registrados a partir das folhas de ofícios que circularam no formato de sanfonas. O que é escrito na sanfona é muito mais que palavra, é a sensação, é o sentimento de pertencimento, é o coração pretagógico derramando tudo aquilo que foi vivido e sentido no encontro formativo, conforme as falas das professoras e dos professores de uma escola pública que participaram desse encontro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base pedagógica o *olhar encantado*, ao chegar nos pensares conclusivos desse artigo, elaborei alguns exercícios autorreflexivos e emancipatórios para cada um(a) que aqui me cede, de maneira pedagógica e responsável, o diálogo. São questionamentos encantados paridos no meu percurso docente que me fiz e faço a você, educador ou educadora: O que você sente quando está com os alunos negros? O que eles fazem você sentir? O que os discentes negros despertam em você? Eles despertam vontade pedagógica?

Agora, miro o meu olhar para os(as) leitores(as) e lanço outros questionamentos: O que você sente quando ver um corpo negro à noite na rua, principalmente se esse corpo for de um jovem preto retinto? Vindo você e ele na mesma calçada, cruzaria com ele ou atravessaria a rua? Sua matriz de olhar é para o ser humano negro, ou o neguinho (submisso, sem vontade própria, devoto aos desejos, dependente) ou o negão (virilidade alta, superdotado, bom de cama, apetite sexual insaciável, irresistível à mulher ou o homem branco) (Souza, 2009)? O corpo negro te desperta encantamento, ou desprezo e piedade? Seu olhar tem sido animalizado, hiper sexualizado, objetificado ou humanizado, para a negritude?

Os pontos questionadores que risco fundamentam a proposição de um olhar encantado com o desejo de mudança, afinal prender-se nas teias do encantamento é uma metamorfose e metamorfose é mudança de qualquer maneira (Oliveira, 2007). Esses pontos também almejam traçar outras perspectivas pedagógicas e didáticas que liguem outros tantos e muitos caminhos possíveis de luta contra esse cadáver vivo chamado racismo (Simas; Rufino, 2020).

Para concluir, eu gostaria de poder testemunhar um dia que todo indivíduo que leu esse texto, em especial aqueles(as) que circulam no chão reflexivo da escola e que passaram pela experiência do racismo, experienciou também, a partir da proposta desse artigo, a desintoxicação do olhar e deixou seu preconceito e discriminação racial irem. Sem realizar essa ponte, a escrita desse texto perde sua essência, empobrecendo-se, já que não chegará à vida daqueles que, assim como eu, foram e ainda são invisibilizados na escola.

Existe um lugar possível de humanização do estudante negro na escola via o olhar encantado!



REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CÉSAR, Caio. Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial. *In*: RESTIER, Henrique; SOUZA, de Malundo Rolf (Org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

CUNHA JR., Henrique. Diversidade etnocultural e africanidades. *In*: JESUS, Regina de Fatima de; ARAÚJO, Silva da Mairce; CUNHA JR. Henrique (Org.). **Dez anos da Lei Nº10.639/03**: Memórias e Perspectivas. Fortaleza: Editora UFC, 2013.

CUNHA JR., Henrique. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. Instituto de Pesquisa da Afrodescendência, Universidade Tuiuti, 2006. Texto de trabalho na disciplina de Educação Gênero e Etnia na perspectiva dos Afrodescendentes Disponível em: <http://afrodescendentes-sjb.blogspot.com.br/p/metodologia-afrodescendente-de-pesquisa.html>. Acesso em: 12 ago. de 2017.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade afrocênica**: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola. 271f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

GOMES, Lino Nilma. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico na diversidade. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

JESUS, Regina de Fatima de. Experiências compartilhadas por professores/as Gonçalenses: caminhos para a Lei Nº 10.639/39. *In*: JESUS, Regina de Fatima de; ARAÚJO, Silva da Mairce; CUNHA JR. Henrique (Org.). **Dez anos da Lei Nº 10.639/03**: Memórias e Perspectivas. Fortaleza: Editora UFC, 2013.

LEITE, Moreira Dante. Educação e relações interpessoais. *In*: PATTO, Maria Helena Souza (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée. Na roda, ao convite do Espírito: Ancestralidade e. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 10, p. 01-28, e020074, 2020.

MACKELLENE, Léo. A sutil voz das árvores: considerações sobre o universo arbóreo na literatura africana. *In*: PETIT, Haydée Sandra; SILVA, e Costa Geranilde (Org.). **Memórias de Baobá**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. A formação docente afrocentrada da Unilab: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração. **Revista Debates em Educação**, Maceió, v.11, n.23, jan./abr. 2019.



MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. Pret@gogia: Referencial Teórico- Metodológico Para o Ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: CUNHA Jr. Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cícera (Org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Ana Paula dos. **Educação Escolar quilombola na Lagoa dos Crioulos no Cariri cearense**: uma perspectiva curricular de afroquilombamento. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SOUZA, Rolf Ribeiro. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, ano 3, v. 6, p. 97-115, jul./dez. 2009.

TRINDADE, Josiney da Silva; SANTOS, Sérgio Pereira dos; PINHO, Vilma Aparecida de. Relações raciais e educação: análise das pesquisas produzidas pelo núcleo de estudos e pesquisas sobre relações raciais e educação (NEPRE). **Revista Amazônida**. Manaus, vol. 7, n 1. p. 01 –18, 2022. Acesso em: 31 dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/11268>

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE. Azoilda Loretto. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, de Malundo Rolf (Org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.



Artigo recebido em: 16 de novembro de 2024.

Aceito para publicação em: 11 de dezembro de 2024.

Manuscript received on: November 16th, 2024.

Accepted for publication on: December 11st, 2024.

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil.

